

Cidadania sem Corpo, sem voz, sem liberdade: A Escola que nos querem impor – Por Amadeu Ricardo

written by Amadeu Ricardo | 22 de Julho, 2025

OCIDADÃO
Journalism & Arts

OPINIÃO
Amadeu Ricardo



Cidadania. Uma palavra poderosa. Invocada nos discursos, usada nas campanhas, estampada nos programas escolares. Mas que cidadania é esta que se quer ensinar quando se apagam deliberadamente os temas mais urgentes, mais humanos e mais concretos da vida em sociedade?

A recente decisão do Governo português de remover quase todos os conteúdos sobre saúde reprodutiva e sexualidade do programa da disciplina de Cidadania não é apenas um erro pedagógico – **é um ato político consciente e profundamente retrógrado.** É uma tentativa de reduzir a educação a um campo de obediência e

silêncio, onde o corpo, os afetos, os direitos e a diversidade deixam de ter lugar.

Cidadania é corpo

Não existe cidadania plena quando se ignora o corpo e tudo o que nele habita: identidade, desejo, autonomia, prazer, limites. Ensinar sobre saúde sexual e reprodutiva não é ideologia – é ciência, é prevenção, é proteção. É garantir que os jovens sabem identificar abuso, sabem dizer “não”, sabem procurar ajuda, sabem tomar decisões informadas sobre o seu próprio corpo. Retirar esses conteúdos é abrir espaço para a desinformação, para o medo, para a violência.

Cidadania é voz

Uma escola que teme certos temas é uma escola que tem medo da liberdade de pensamento. Que educação é esta que não permite discutir o que é amor, respeito, igualdade, consentimento? Que se recusa a formar cidadãos críticos, que pensam, questionam, confrontam? A disciplina de Cidadania foi criada precisamente para isso: para dar ferramentas, para formar consciências, para educar com valores, e não com medo.

Cidadania é liberdade

Num Estado democrático, educar para a cidadania não pode ser sinónimo de doutrinação nem de silêncio. Não se pode usar a desculpa das *“amarras ideológicas”* para impor uma outra amarra – ainda mais perigosa: **a da ignorância**. Se há ideologia neste debate, é a que promove o apagamento de temas que incomodam certas agendas mais conservadoras, que preferem uma juventude calada e confusa a uma geração informada e emancipada.

O que é, afinal, cidadania?

É a capacidade de participar ativamente na sociedade. De entender os direitos e os deveres. De respeitar as diferenças. De proteger os mais vulneráveis. De construir uma comunidade

baseada na empatia, na justiça e na dignidade. Como se pode ensinar cidadania sem falar de igualdade de género? Sem abordar a violência no namoro, a contracepção, as ISTs -porque a informação salva vidas, o assédio, a identidade de género, a orientação sexual?

Uma cidadania que exclui estas dimensões não é cidadania – é **um controle social** mascarado de neutralidade. É regressão disfarçada de liberdade. É covardia política a fingir que se está a proteger as famílias, quando na verdade está a expor as crianças e jovens ao desconhecimento e à desprotecção.

O papel da escola não é agradar ideologias – é formar consciências

Quem tem medo de uma educação completa? Quem lucra com uma juventude mal informada? Quem decide o que é “*neutro*” e o que é “*ideológico*”? Estas são perguntas urgentes. E os que defendem uma escola sem pensamento crítico, sem ciência e sem verdade devem ser confrontados – não em silêncio, mas com uma voz firme, olhos abertos e responsabilidade pública.

Se queremos uma sociedade realmente democrática, precisamos de uma cidadania viva, real, corajosa. E isso começa na sala de aula. Cidadania sem corpo, sem voz, sem liberdade... não é cidadania. É censura. É apagamento.

É uma lição que não podemos aceitar.